

LINGUASAGEM

AUTORIA E RESISTÊNCIA EM FANFICS: AVALIAÇÕES E NOTAS ESCOLARES EM DISCURSO

Soraya Maria Romano PACÍFICO¹
Beatriz Borges de CARVALHO²

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar a autoria em duas fanfics retiradas da plataforma “*Spirit Fanfics e Histórias*”, cujos personagens discursivizam sobre notas escolares; uma delas é a fanfic “Poxa, Sakura!”, a partir da qual analisaremos o discurso do personagem sujeito-aluno; a outra, “Super-robôs não te deixam colar na prova”, em que analisaremos o discurso do personagem sujeito-professor sobre o processo de correção das avaliações. A Análise do Discurso pecheuxtiana fundamenta nosso percurso teórico-analítico, e, com base nessa teoria mobilizamos os conceitos de discurso, formação imaginária, formação discursiva e memória discursiva, pois entendemos que o sujeito ocupa a posição discursiva de autor ao projetar uma imagem de si, do interlocutor e do referente, o que se dá pelo acesso à memória que atualiza o dizer e possibilita ao autor realizar gestos de interpretação e a produção de outros sentidos. Neste trabalho, interessa-nos os sentidos produzidos pelo sujeito-autor para os sujeitos-personagens das fanfics analisadas. Nossas análises indicam que a autoria nas fanfics é uma forma de resistência, tanto em relação à linguagem, que não se prende às normas gramaticais, tampouco à linguagem formal encontrada na maioria dos textos lidos em sala de aula, quanto em relação ao processo discursivo, em que o sujeito-autor constrói o intradiscorso assumindo uma posição de enfrentamento diante dos discursos dominantes sobre as notas escolares, no século XXI. Nesse movimento, o sujeito-autor dá visibilidade à contradição que se manifesta na língua e (d)enuncia a luta de classes, neste caso, entre professores e alunos.

Palavras-chave: Discurso; Sujeito; Autoria; Fanfics.

Abstract

This work aims to analyze the authorship in two fanfics, taken from the “*Spirit Fanfics e Histórias*” platform whose characters discursive about school grades; one of them, “Poxa, Sakura!”, from the discourse of the subject-student character; the other, “Super-robôs não te deixam colar na prova”, projects the discourse of the subject-teacher character. The Pecheuxtian Discourse Analysis bases the theoretical-analytical path, and, based on this theory, we mobilize the concepts of discourse, imaginary formation, discursive formation and discursive memory, as we understand that the subject occupies the author's discursive position when projecting an image of himself, an image of the interlocutor and an image of the referent, what happens through access to memory that updates the saying and allows the author to perform gestures of

¹ Docente do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da FFCLRP-USP. E-mail: smrpacifico@ffclrp.usp.br.

² Graduada em Pedagogia e bolsista PUB pela FFCLRP-USP.

interpretation and the production of other meanings. Our analyzes indicate that authorship in fanfics is a form of resistance, both in relation to language, which is not tied to grammatical norms, as well as to the formal language found in the most texts read in the classroom, and, in relation to the discursive process, in which the subject-author constructs the intradiscourse assuming a confronting position in the face of dominant discourses about school grades in the 21st century, and, in this movement, the subject-author gives visibility to the contradiction that manifests itself in the language and (d)enunciates the class struggle, in this case, between teachers and students.

Keywords: Discourse; Subject; Authorship; Fanfiction.

Introdução

[Quero] pensar a escola e o aluno no presente. O que isto pode oferecer aos jovens, na sua vida de jovens, durante sua vida de jovens, passar tantos dias na escola? [...] Como podemos transformar a escola para que..."Dez anos obrigatórios de escola: são dez anos feitos para satisfação cultural [...]

(George Snyders. *Escola, Classe e Luta de Classes*.)

Este artigo sustenta-se nos conceitos teóricos propostos pela Análise do Discurso de matriz francesa (AD), cujo principal autor é Michel Pêcheux (1993; 1995), para quem o objeto de análise é o discurso, e, a língua é afetada pela história e pela ideologia. Neste trabalho, objetivamos escutar, no sentido pecheuxtiano, o modo como os sujeitos-autores das *fanfictions* constroem os discursos de seus personagens para discursivizar sobre as notas escolares em seus escritos. A escolha da *fanfiction* deve-se ao fato de que esse gênero discursivo (BAKHTIN, 2011) – *fanfiction*- ainda é pouco estudado pela Análise do Discurso.

Ao ler as *fanfictions*, observamos que os autores são ávidos por escrever, mesmo sendo a escrita, em muitos casos, desprovida de concordância verbal, de pontuação adequada, das leis e regras da gramática, ainda assim, os sujeitos escrevem, porque escrever é uma necessidade para muitos. De acordo com Grigoletto e Agustini (2009, p. 369) “Escrever na adolescência é uma atividade que pode exercer fascínio, revelando os desejos mais íntimos do sujeito, ou constituir obrigação, preenchimento de linhas para alcançar uma nota”.

O indício de que há um desejo voraz na escrita das *fanfictions*, a nosso ver, pode ser entendido como forma de resistência à imposição escolar e à valorização de uma única variedade linguística, a língua padrão, bem como uma forma de resistência aos modelos escolares de avaliação. Talvez seja por isso que a produção das *fanfictions* tenha crescido muito entre o público jovem, na contemporaneidade.

A *fanfiction* e seu funcionamento

Observa-se que o gênero discursivo *fanfiction* ainda é novo nos estudos científicos que se amparam na AD, prova disso é o número relativamente pequeno de produções encontradas em bases de dados reconhecidas internacionalmente quando se trabalha com o operador booleano AND entre os termos “*fanfiction*” e “Análise do Discurso”.

O termo *fanfiction* origina-se na língua inglesa e é comumente traduzido como “ficção de fã”, ele também pode ser grafado como fanfic ou fic, variações que não compreendem o termo como estrangeiro dado seu grande uso pela comunidade brasileira que se identifica com esse gênero discursivo. É uma nomeação utilizada para denominar um dos muitos tipos de produções da cultura produzida por fãs, uma cultura de massa, mesmo que pouco difundida em comparação a outras. Refere-se às produções escritas por fãs a partir de uma obra já existente, difundida e reconhecida.

A origem das fanfics, como preferimos nos referir a elas, ainda é incerta; no entanto, Camargo e Abreu (2013, s/p) lembram que

Práticas como reescrituras e continuações dos livros considerados célebres em determinado momento histórico sempre ocorreram. Um exemplo está relacionado à obra mais famosa de Miguel de Cervantes. Canavaggio (1994-1995, p. 75) conta sobre o surgimento, em 1614, de uma continuação da primeira parte de ‘Dom Quixote’ escrita por Alonso Fernández de Avellaneda. O apócrifo fez com que Cervantes desse continuação às aventuras do Cavaleiro da Triste Figura e que seria ‘cortada Del mismo artífice y Del mismo paño que la primera’ (CERVANTES, 2004, p. 561), decidindo-se por matar a personagem principal como forma de evitar novas versões.

Todavia, acredita-se que as primeiras publicações de fanfics, em um modo mais elaborado, deram-se nos Estados Unidos com a estreia da série de televisão Jornada nas Estrelas (Star Trek), em 1966. Teria sido essa obra capaz de enlouquecer a audiência (JAMISON, 2017), tornando seus espectadores fãs necessitados para o consumo, que ganhou proporções maiores que aquilo que o próprio tecido canônico poderia oferecer-lhes. Essa necessidade, esse desejo desencadeou o motivo para a assunção de uma postura mais ativa perante o universo venerado, intervindo nele, brincando e explorando desdobramentos, deslizamentos e possibilidades a partir dele. Deste modo, começa a produção de ficções realizada por fãs e para fãs, que constituíam um reino próprio

(*fandom*), espécie de comunidade formada por e para orbitar em torno de um universo dentro de uma determinada obra.

As fanfics, naquele momento, eram impressas em revistas (*fanzines*) mimeografadas; essa forma de impressão caseira permitiu que os fãs começassem a criar seus próprios conteúdos para a circulação entre um público interno, a partir do que lhes interessava e os incitava a dizer e significar. Na contemporaneidade, encontramos essas produções de materialidade escrita publicadas no meio digital da web em uma variedade de estruturas (poemas, roteiros, cartas, contos, novelas, romances etc.) que, facilmente, são mescladas.

Atualmente, as fanfics, facilmente encontradas na web, são publicadas em plataformas desenvolvidas especialmente para esse fim. Com essas plataformas, as fanfics obtiveram mais visibilidade, reunindo histórias de diversos nichos, como fanfics sobre grupos musicais, filmes, livros, jogos e até youtubers, crescendo em quantidade de publicações e visualizações, conforme engloba as demandas dos diferentes *fandons* e o acesso às páginas, além de ampliar a possibilidade de interações entre os sujeitos-autores e sujeitos-leitores das fanfics, o que gerou novas funções para essas plataformas.

É por isso que compreendemos, em concordância com Jamison (2017, p. 49), que a “fanfiction hoje [...] não se trata apenas de escrever histórias sobre personagens e mundos existentes - é escrever essas histórias para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo, também”.

Orlandi (2005, p. 32) afirma que “[...] há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação”. Sendo a constituição o interdiscurso um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos, e, a formulação o intradiscurso, a atualidade, um eixo horizontal onde estamos dizendo, em momento dado, em condições discursivas dadas. Todo dizer, portanto, constrói-se nessa relação do interdiscurso no intradiscurso e nisso se configura o trabalho do sujeito, que lida com as múltiplas possibilidades do sentido no interdiscurso, em direção à sua constituição como autor responsável pela organização e unidade textual no intradiscurso. Entendemos, pois, que o trabalho do sujeito-autor das fanfics configura-se no percurso ininterrupto pelo interdiscurso para tecer o intradiscurso.

Aporte teórico-metodológico: interpretação, memória e autoria

O discurso da Constituição brasileira de 1988 determina como direito dos brasileiros e dever do Estado o acesso à Educação. Esse é um documento oficial, mas os discursos sobre Educação e escola circulam em todos os espaços sociais, por exemplo, na mídia, na literatura, na música, nos discursos científicos, nos discursos do cotidiano, ou seja, de um modo ou de outro formulações sobre a escola sempre estão em circulação. Conseqüentemente, a memória discursiva reverbera nos sujeitos ao interpretarem e produzirem sentidos sobre a instituição escolar, tendo ou não passado pelos bancos escolares. É por isso que eles produzem e reproduzem, em seus discursos, já-ditos sobre o que é uma escola, o que é um professor, o que são as provas escolares, num constante retorno à memória.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2007, p. 52).

É pela memória discursiva que os sentidos são interpretados, que há a possibilidade de atualização dos “pré-construídos”, que sentidos sobre escola, por exemplo, já ditos, citados e relatados podem ser atualizados, ou não, em dado discurso. O autor recorre à memória discursiva como condição para a produção de sentidos, uma vez que ele necessita dos pré-construídos para produzir seu discurso.

Discurso é o conceito central da teoria fundada por Michel Pêcheux, na França dos anos 1960, em uma proposta de rompimento com o estruturalismo filosófico que imperava, naquela época. A teoria concebe o discurso como o lugar em que se pode observar a relação entre a língua e a ideologia, observar como a língua produz sentidos por e para sujeitos no processo de significação.

É a ideologia, compreendida por nós, metaforicamente, como uma névoa que paira sobre os falantes, que cria o efeito de naturalidade e clareza dos sentidos, de maneira que essa névoa ideológica funciona como mecanismo que mascara a opacidade da linguagem. É a ideologia que “[...] fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), um aluno, um professor, um diretor, uma escola. No entanto, como a AD nos ensina, não há apenas uma possibilidade de interpretação para cada uma dessas palavras, profissões e posições sociais, isso porque,

Estas considerações nos levam a afirmar que não se pode excluir do fato lingüístico o equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico. Há, como diz Pêcheux (1990), ‘um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no relançar indefinido das interpretações’. Se é assim que se faz presente a ideologia, também aí é que intervém a história. (ORLANDI, 1996, p. 65).

O trabalho com a interpretação é basilar para que seja possível a assunção da autoria, o que implica levar em conta que tanto a história quanto a ideologia afetam a língua e isso constitui as condições de produção dos discursos; portanto, para realizar gestos de interpretação não se pode desconsiderar a exterioridade constitutiva do sujeito e dos sentidos, visto que “A interpretação, portanto, não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido (ORLANDI, 1996, p. 67). Com base nisso, o sujeito busca compreender os processos discursivos e, assim, poderá ocupar a posição discursiva de sujeito-autor, posto que

A nosso ver, a função autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico. (ORLANDI, 1996, p. 69).

Em relação às fanfics, podemos dizer que a repetição é o passo inicial do sujeito-autor, e, a partir dela, tem início a constituição histórica dos sentidos em que a autoria também vai sendo constituída. Todavia, o retorno a outro texto, ou seja, a repetição, não se assemelha às questões fechadas que compõem muitas práticas pedagógicas e a maioria das atividades propostas nos livros e apostilas didáticos que interdita a constituição do sujeito-autor. Isso pode ser entendido porque a escola, lugar em que predomina o discurso autoritário (ORLANDI, 1996), despreza a existência de “[...] várias práticas sociais da escrita, assim como relações desiguais de poder subjacentes a elas, sendo que estas determinam o acesso ou a interdição do sujeito à leitura, escrita, interpretação, em uma palavra, aos sentidos” (PACÍFICO; ROMÃO, 2007, p. 314).

As práticas de escrita permitidas no contexto escolar prezam pela repetição de um sentido dado pelo professor que, geralmente, toma como base o livro didático (PACÍFICO, 2012; PACÍFICO, 2013; GRIGOLETTO; AGUSTINI, 2009). Defendemos que a escrita deve sustentar-se na prática da autoria, entendida aqui de acordo com os pressupostos da Análise do Discurso, ou seja, como uma posição discursiva que o sujeito pode ocupar ao produzir seu dizer, ou seja, “para nós a função-

autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim” (ORLANDI, 1996, p. 69).

Com o objetivo de analisar a autoria e chegarmos à constituição do nosso *corpus*, selecionamos uma das várias plataformas de publicação de fanfics para que operássemos uma busca. Escolhemos trabalhar com a plataforma *Spirit Fanfics e Histórias*, principalmente, por ser uma das poucas investigadas nos trabalhos encontrados sobre esse gênero discursivo, interessando-nos, também, o fato de ela ser, atualmente, um dos primeiros resultados para a busca do Google pela palavra “fanfic”. Utilizamos das funções desenvolvidas pela própria plataforma para a filtragem das milhares de fanfics registradas. Com o instrumento de filtro da plataforma chamado de *tag*, delimitamos as fanfics que tinham a palavra-chave *tag/escola*. Procuramos, então, a fanfic com maior popularidade na *tag*, sendo essa popularidade medida pela quantidade de usuários da plataforma que adicionavam a fanfic em suas listas de favoritos.

Como resultado da busca, encontramos “Poxa, Sakura!”, uma fanfic de vinte e três capítulos, publicada em 2013. No momento da busca, ela contava com 3.097 favoritos (o que significa que 3.097 usuários da plataforma a marcavam como favorita), e, mais de 225.000 visualizações. “Poxa, Sakura!” toma os personagens criados por Masashi Kishimoto, no mangá *Naruto*³, para a construção de sua narrativa em um universo alternativo ao cânone. Essa fanfic tem a história centrada na disputa que a personagem Sakura, uma garota que mora na Califórnia e está em seu último ano do Ensino Médio, trava com seu vizinho e colega de classe, Sasuke.

Acessando a fanfic descobrimos que ela estava em vias de ser excluída pela autora, Emper, o nome de usuário que funciona na plataforma como o nome de autor dessa fanfic. Em uma nota publicada em 21 de janeiro de 2018, no perfil público da autora, no sítio do *Spirit Fanfics e Histórias*, ela manifestava uma desidentificação com suas produções e até mesmo com o nome Emper, escolhido para marcar sua autoria, de modo que seu desejo era o de apagamento da conta, e, caso ela sentisse vontade de voltar a fazer parte daquela comunidade, ela criaria outra conta e assumiria outro nome, sem qualquer relação com a existência perene de Emper. Esse fato chamou nossa atenção para a constituição líquida, senão gasosa, da fanfic e de seu sujeito-autor perante o digital, em que um clique provoca a ilusão de apagamento e desfiliação do

³ Obra que foi publicada continuamente de 1999 (lançamento do primeiro volume da história) até 2014 (lançamento do último volume, o 72º da série).

sujeito a uma certa formação discursiva. Formação discursiva é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Consideramos pertinente para nosso estudo, além de analisar uma fanfic que tem/tinha muitos acessos, contemplar, também, outras fanfics de histórias de menor visibilidade na plataforma, de maneira que nos permitisse cotejar os efeitos de sentido produzidos por ambas. Selecionamos, desse modo, outra fanfic, uma história curta, de capítulo único, com pouca visibilidade: uma das histórias com menor visibilidade na tag Escola e uma das histórias da tag Educação, uma tag de pouca popularidade, visibilidade e produção na plataforma *Spirit*, havendo apenas 15 histórias publicadas dentro dessa tag. Referimo-nos a “Super-robôs não te deixam colar na prova”, que contava, na época, com 71 visualizações e 11 favoritos. Uma história de capítulo único, com 3.372 palavras, que narra a experiência de um cyborg em seu primeiro dia na posição sujeito-professor em uma escola pública, que tinha como projeto do governo contratar robôs a fim de diminuir os gastos da instituição, pois uma máquina não precisaria receber salário e independeria de condições de trabalho asseguradas, as quais geram despesas, segundo a concepção capitalista.

Selecionadas as fanfics, procedemos às análises; o trabalho com base em pistas, como propõe o paradigma indiciário analisado por (GINZGURG, 1989), sendo nossas pistas as marcas linguísticas, as seleções lexicais, os ditos e os não ditos, o silêncio que também significa (ORLANDI, 2007). Este trabalho indiciário levou-nos a realizar recortes das fanfics *Poxa, Sakura!*, e, *Super-robôs não te deixam colar na prova*, a partir do que mais era recorrente nas formulações sobre escola e, principalmente, avaliações e notas escolares. O conceito de recorte aqui assumido corresponde à noção proposta por Orlandi (1996, p. 139) de “uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e situação”, logo, não entendemos os recortes como estrutura linear, “[...] mas sim, como pedaços, ‘nacos’ do discurso, onde estarão materializados linguisticamente os indícios de um modo de funcionamento discursivo” (PACÍFICO, 2012, p. 62).

Dentre os muitos elementos postos no fio do dizer dos recortes selecionados para análise, destacamos o discurso acerca das notas obtidas pelos alunos nas avaliações escolares na fanfic *Poxa, Sakura!*, e, em *Super-robôs não te deixam colar na prova*,

selecionamos um recorte que produz sentidos sobre a trabalho do professor em dar notas para as avaliações dos alunos.

Avaliações e notas escolares em discurso: quando a autoria não é um mito

Para realizar as análises, assumimos que os recortes são a linha, o material bruto que permitem os entrecruzamentos que buscamos, conforme a base teórica da AD, ao trabalhar a “intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista” (ORLANDI, 2005, p. 62). Com base nesse escopo teórico, apresentamos, a seguir, os dois recortes e as análises por nós realizadas.

Recorte 1

Mas tudo bem. O fato de ser um insensível mal-educado não era algo tão terrível assim, não ao meu ponto de vista. O problema, de verdade, é que depois que o infeliz chegou em minha cidade, meu bairro e minha escola, eu perdi o posto de melhor aluna. Sim, sempre fora meu. E deveria continuar sendo, não fosse por aquele rato de cabelos negros.

Bom, ainda em relação ao primeiro lugar que foi brutalmente arrancado de mim: ora porra! Era meu, meu, meu! Por um décimo a mais na média, aquele bastardo maldito ficava sempre com o primeiro lugar, me jogando à humilhação do segundo.

[...] –Devo dizer que fiquei decepcionado com o resultado das provas... poucos alunos ficaram acima da média e apenas um conseguiu a nota máxima. –estufei o peito, certa de que esse aluno da nota máxima seria eu [...].

–Com licença, Yamato. –a voz estridente de Suigetsu interrompeu o que o professor diria a seguir, me fazendo soltar um resmungo impaciente que deve ter saído um pouco mais alto do que deveria, já que os alunos que estavam sentados próximos a mim me lançaram olhares debochados e soltaram risadinhas indiscretas. Imbecis.

–Entre, Suigetsu... –Yamato soltou num sopro, acostumado ao atraso do aluno. Junto a ele estava Sasuke. Sim, ele não poderia faltar para eu ter o gostinho completo da vitória. –E Sasuke... –ele sorriu ao ver o Uchiha, que lançou aquele típico olhar frio, seco, indiferente. Tão... Sasuke. –Parabéns, estava agora mesmo falando sobre a sua nota. Como esperado, foi o único a fechar a prova. (**Poxa, Sakura!**, capítulo 1, postado em 10/01/2013).

Podemos refletir sobre o poder atribuído às notas escolares, uma vez que são elas um dos mecanismos de rotulação dos sujeitos-alunos nas escolas, como vemos discursivizado na fanfic. Os rótulos de tanto serem repetidos, em dado contexto, passam a configurar a formação discursiva dominante. No caso da escola, quem obtém notas boas é considerado bom aluno; quem não atinge a média é considerado mau aluno, ou quem sabe, um aluno regular.

De acordo com o recorte, a nota não é concebida como um indício do conhecimento construído pelo sujeito-aluno, conhecimento cujo acesso deve ser promovido, especialmente, pela educação escolar. A nota, vista na perspectiva numérica, em que décimos fazem a diferença, evoca sentidos de competitividade, de enobrecimento de uns e rebaixamento de outros, de exaltação de uns e humilhação de outros, produzindo, discursivamente, privilegiados e desajustados, os últimos por não atenderem à expectativa do que seria um “bom” aluno. Nesses moldes, a nota funciona como um mecanismo discriminador, indutor da competição e um produto rotulador dos sujeitos-alunos.

De acordo com o jogo das formações imaginárias, que se referem àquilo que funciona nos processos discursivos, que designa “[...] o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82), interpretamos que o que está em jogo em relação à nota diz respeito ao abuso de poder dos professores e gestores, à violência física e verbal, dentre outras manifestações de poder. No caso de “Poxa, Sakura!”, o jogo de formações imaginárias funciona para o sujeito-autor projetar os discursos dos personagens sujeito-professor e sujeito-aluno. No caso do personagem sujeito-professor, sobre as notas da sala, lemos: “Devo dizer que fiquei decepcionado com o resultado das provas... poucos alunos ficaram acima da média e apenas um conseguiu a nota máxima”. Por meio das formações imaginárias, o sujeito-autor constrói um lugar para o sujeito-professor, qual seja, aquele que só valoriza o estudante que consegue a nota máxima, conforme é narrado no episódio da entrega das notas. Sob o mesmo funcionamento imaginário, o sujeito-autor antecipa que o sujeito-professor tem o aluno privilegiado, de quem ele espera a nota máxima, como podemos ler em: “Tão... Sasuke. –Parabéns, estava agora mesmo falando sobre a sua nota. Como esperado, foi o único a fechar a prova”.

Podemos dizer que a autoria foi se constituindo pelo controle da dispersão e da deriva dos sentidos (TFOUNI, 2001), pois há um efeito de unidade entre o início da narrativa, o desenrolar e o desfecho. No caso do personagem sujeito-aluno, protagonista da narrativa, o sujeito-autor começa a tecer sentidos de competição entre os alunos que desejam obter a melhor nota, e, também, sobre a valorização explícita daquele que o docente julga ser o melhor da sala. No desenrolar desse capítulo da fanfic, o sujeito-autor constrói uma representação da sala de aula, baseada em uma relação hostil entre os próprios alunos, que riem, zombam uns dos outros, assim como entre o sujeito-professor e os sujeitos-alunos que chegam atrasados, ou que não tiram notas acima da

média. A função-autor também é praticada no desfecho, cujas formulações finais confirmam as pistas fornecidas pelo sujeito-autor desde o início, em que ele escreveu sobre o novo aluno que passou a ocupar o primeiro lugar na sala de aula devido a “um décimo a mais na média”: “O problema, de verdade, é que depois que o infeliz chegou em minha cidade, meu bairro e minha escola, eu perdi o posto de melhor aluna. Sim, sempre fora meu. E deveria continuar sendo, não fosse por aquele rato de cabelos negros”.

Em relação à variação linguística usada, o sujeito-autor escreve para um público jovem, e, de acordo com o jogo das formações imaginárias, esse público deve ser projetado como sendo a maioria adolescentes e jovens que vivem essa situação escolar, que se irritam muito com a exposição e aviltamento dos alunos, e, manifestam essa irritação na linguagem que não é polida, que recorre a significantes chulos como podemos interpretar pelas marcas linguísticas “rato de cabelos negros”; “ora porral!”; “bastardo maldito”.

A exposição do resultado da prova provoca sentidos e sentimentos de rivalidade, competitividade por uma posição mais elevada no ranqueamento, a nota sendo uma posição, um status. Competição que se sustenta no discurso do neoliberalismo, tão valorizado contemporaneamente, no campo econômico; porém, em relação à instituição escolar, as notas sempre funcionaram como mecanismo de inclusão dos “bons” ou de exclusão dos “maus” alunos.

Esta forma de entender a avaliação e se acostumar com sua feição classificatória e de vê-la como um ato de comunicação com ares de neutralidade, no qual alguém assume a prerrogativa de dizer o quanto vale o trabalho do outro, sem que a este outro seja dada a oportunidade de se manifestar sobre o processo vivido e suas eventuais idiossincrasias, acaba por esvair desta prática o seu sentido formativo. Isso interfere no imaginário social que associa à avaliação práticas repetidas de exames externos que geram medidas, que viram notas que se transformam em signos que se distribuem em mapas que permitem comparar, selecionar e, eventualmente, excluir pessoas/instituições (SORDI; LUDKE, 2009, p. 315).

Compreendemos, pelo acesso à memória discursiva que a avaliação não está atrelada a sentidos de construção de conhecimentos, pois ela funciona como um processo muito mais centrado na produção de notas do que no quanto elas podem ser a representação do nível de conhecimento dos alunos. A nota atribui poder e status, desigualando os sujeitos-alunos. Interpretamos a nota como juíza do rótulo que significa o sujeito na escola, por isso ela é decisiva, fazendo de cada décimo a mais na média

uma questão de existência, de relação social desigual. Os sentidos sobre notas boas ou notas ruins materializam-se nas formações discursivas sobre o “bom” e o “mau” aluno e podem determinar, em última instância, as relações dos interlocutores, seja entre as posições aluno-aluno ou professor-aluno.

Nosso segundo recorte foi extraído da fanfic “Super-robôs não te deixam colar na prova”, que contava com 71 visualizações e 11 favoritos, na época da constituição do *corpus*. Uma história de capítulo único, com 3.372 palavras que narram a experiência de um cyborg em seu primeiro dia na posição de um professor, em uma escola pública que participava de um projeto do governo que diminuiria os gastos com o quadro de professores, já que uma máquina, ou seja, um cyborg, não precisaria receber salário e independeria de condições de trabalho asseguradas.

Recorte 2

O visor piscou. Chiou. Retorceu-se numa imagem. Uma alta pilha de folhas brancas diante de si, sobre uma mesa. Provas. Numa das mãos, uma caneta vermelha. Apanhar cada folha, ler, rabiscar, atribuir nota. De novo, e de novo. Café. Cansaço. Lesão por esforço repetitivo. Sono. Dormir cinco horas por noite. Mais café. Entregar as notas a tempo. Metade da sala deixou as provas em branco – ‘Que sorte, pule duas casas!’. Exaustão, pálpebras de chumbo. Quinto copo de café até a borda. Dormir?. (**Super-robôs não te deixam colar na prova**, capítulo 1, postado em 17/06/2017)

Pelo acesso à memória discursiva, o recorte 2 reverbera o cotidiano de um professor em época de correção de provas. Um trabalho exaustivo que o professor, geralmente, leva para casa a fim de dividir o tempo fora da sala de aula com tarefa de correção e os afazeres domésticos. “Uma alta pilha de folhas brancas diante de si, sobre uma mesa”. O trabalho é árduo, por isso o sujeito-professor necessita de muito café para manter-se acordado e conseguir “ler, rabiscar, atribuir uma nota” com a caneta vermelha. Pelo efeito da ideologia, parece natural que a caneta seja vermelha, e, não azul, preta, verde, ou rosa. Vermelha. Temos muitos sentidos construídos historicamente para a cor vermelha, os quais, de modo geral, produzem efeitos de perigo, como por exemplo, é a cor usada para as luzes de freio dos carros, as luzes das ambulâncias e dos carros da polícia, para as placas e semáforos que indicam parada obrigatória, para extintores, sirenes e o corpo de bombeiro, ou seja, uma cor que produz sentidos de alerta, emergência, fogo, de sensualidade – sempre interpretada como tabu-, de pecado, como o vermelho da maçã da serpente; o perigo imaginado para as bandeiras vermelhas, que são discursivizadas como representantes dos baderneiros comunistas, socialistas, petistas, e, no campo da Educação e da Economia, a “nota vermelha” e a

conta vermelha, respectivamente, representam os alunos e os clientes que se encontram em péssimas condições escolares e financeiras; portanto, não são vistos com bons olhos perante essas instituições de poder.

Em relação às notas vermelhas, parece-nos que essa fanfic dialoga com a analisada no recorte 1, no que se refere à maioria dos alunos que não atingem boas notas, pois no recorte 2, o sujeito-autor escreve, ao dar voz ao personagem sujeito-professor: “Metade da sala deixou as provas em branco – “Que sorte, pule duas casas!”. O fato de já ter em mãos a caneta vermelha cria o efeito de sentido de que o sujeito-professor espera por muitos erros a serem rabiscados, corrigidos, destacados em detrimento de muitos acertos que as provas podem apresentar.

Podemos, também, interpretar a ideologia capitalista funcionando nesse discurso se considerarmos que a Educação está sendo tratada como uma mercadoria, o que significa que muitos alunos podem representar muito capital, na escola privada; mas, também, muito trabalho para o professor que, no sistema capitalista não participa da partilha dos lucros, posto que a lógica capitalista sustenta-se em muito trabalho, pouco descansando e pouco dinheiro para o trabalhador.

Essas condições de produção desiguais e injustas que sobrecarregam a atividade docente resultam na contradição do sentido de trabalho, qual seja, produz-se muito e ganha-se pouco. Essa contradição torna possível a formação discursiva dominante acerca das relações trabalhistas, e, a partir dela, o sujeito-autor naturaliza a suposta alegria do personagem sujeito-professor ao ver que “metade da sala deixou as provas em branco”, o que significa menos trabalho de correção para o personagem, que exclama: “Que sorte”! A contradição reside no fato de que deveria ser esperado que o sujeito-professor se sentisse recompensado ao ver que a sala toda respondeu a todas as questões, que os alunos aprenderam o conteúdo ensinado, ou melhor, que os alunos construíram suas formulações, saíram da paráfrase, argumentaram, fizeram inferências e articulações entre os saberes das diversas áreas do conhecimento. Entretanto, ao sentir alívio diante das provas em branco, o sujeito-autor constrói um personagem sujeito-professor afetado pela formação discursiva dominante sobre o professor, qual seja, um trabalhador que executa tarefa árdua, cansativa, repetitiva, daí os sentidos para a formulação “De novo, e de novo. Café. Cansaço. Lesão por esforço repetitivo. Sono. Dormir cinco horas por noite. Mais café. Entregar as notas a tempo”.

O sujeito-autor da fanfic trabalha com a historicidade, ele trabalha com a significância, com os sentidos possíveis para o professor no século XXI. O sujeito-autor

produz um outro processo discursivo em que os sentidos nunca são os mesmos dos textos que foram o ponto de partida para a fanfic, posto que “a função de autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações” (ORLANDI, 1996, p. 69). No caso do recorte 2, o autor é tocado pela historicidade dos sentidos tecidos para o professor, que está sendo tratado como uma máquina, desprovido de autoria, da sua função de pesquisador porque se vê fadado a executar muitas tarefas burocráticas que lhe tiram o tempo para a criatividade e, assim, o professor do século XXI passa a ser discursivizado como uma máquina, e, por que não um super robô?

As análises dos dois recortes nos levam a defender que a autoria nas fanfics constituem gestos de resistência. Isso porque o sujeito-autor não se vê obrigado a reproduzir um sentido, como acontece, muitas vezes, tanto na escola quanto fora dela, como por exemplo, nas petições judiciais que devem obedecer a uma estrutura textual, gramatical e uso linguístico previamente determinados; nas fanfics, o sujeito-autor pode identificar-se com dada variação linguística, com dada formação discursiva, seja para elogiar ou criticar o que quer que seja. No caso analisado, os sentidos versavam sobre o professor, o processo de avaliação, a imagem que o professor constrói sobre os alunos em relação às notas escolares; o sujeito-autor também produziu uma fanfic para denunciar a transformação do sujeito-professor em robô, situação em que a subjetividade é afrontada, pois a máquina produz sempre o mesmo, não tem a possibilidade de ser afetada pela língua, pela história, pelos sujeitos, pois ela é programada para executar as mesmas tarefas.

Resistência, para nós, pode ser entendida como o enfrentamento da incompletude do sujeito e da linguagem sem abrir mão do direito à autoria, à produção de sentidos, mesmo que os sentidos não circulem em livros consagrados, mesmo que os autores ainda não sejam reconhecidos pelos críticos literários, mesmo que a fanfic ainda seja uma escrita que não confere ao seu autor o reconhecimento do nome do autor (FOUCAULT, 1969). Parece-nos que os autores das fanfics não desejam construir um nome de autor, pois como encontramos na postagem de despedida de Emper, o sujeito-autor “não se identifica mais com as histórias e com o nome”. Ele pode voltar, talvez, com outro nome, o que vai em direção oposta à construção de autoria na literatura clássica, cujo nome de autor torna-se reconhecido e respeitado à medida que sua obra torna-se maior.

Esse direito de exercer a função-autor - de escrever a partir de um processo de identificação com outros textos lidos, em que o desejo de escrever sobre determinada temática movimenta o sujeito - não fundamenta as práticas pedagógicas. Nesse sentido, concordamos com Lagazzi-Rodrigues (2006) em que há uma distância enorme entre os alunos e a autoria, visto que a escola não constrói condições para que a autoria seja praticada. De acordo com a autora:

Essa distância, quando percorrida, faz com que a ‘qualidade ou condição de autor’ saia do plano mítico no qual é mantida e se torne um conceito produtivo em nossa relação de sujeito de linguagem com a escrita e com outras linguagens não-verbais, como o desenho, a pintura, o canto, a dança, o teatro, as produções imagéticas e filmicas, o grafite, a tatuagem, enfim, as diferentes formulações significantes. (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 83).

Se, na escola a condição de autor é mantida no plano mítico, nas fanfics a função-autor é praticada pelos autores que as produzem. As análises apontam o trabalho do interdiscurso no intradiscurso, a inscrição do sujeito em dada formação discursiva e, a partir disso, o sujeito-autor traz para sua produção a trama da historicidade. Nesse movimento, o sujeito-autor parece sentir-se livre para escrever ou deixar de escrever se a identidade com os escritos não for suficiente para que a autoria vigore.

Considerações finais

Partimos do objetivo de analisar a autoria nas fanfics “Poxa, Sakura!”, e, “Super-robôs não te deixam colar na prova”, extraídas da plataforma *Spirit Fanfics e Histórias*, especificamente, com base em recortes que trazem discursos sobre as notas escolares. Neles, as notas e avaliações escolares são discursivizadas como um instrumento de cansaço e tensão, tanto para os alunos, que competem entre si para ver quem obtém a maior nota, e, portanto, pode ganhar as graças do professor, quanto para o professor que encara a correção das provas como uma atividade enfadonha, desgastante, repetitiva.

Nossas análises dão visibilidade a discursos que não podem ser interpretados como naturais, como se só pudessem ser esses. Esses discursos sugerem que a relação dos sujeitos-escolares, ou seja, professores e alunos, precisa ser ressignificada, que o jogo das formações imaginárias não pode naturalizar e cristalizar – pelo efeito da ideologia- essas projeções para os sentidos de notas, instituição escolar, professor, aluno e autoria. Isso pode começar, a nosso ver, com um trabalho realizado pelos professores,

nas salas de aula, em que a história dos sentidos já ditos contribua para a atualização e a tessitura de outros discursos sobre a escola que estamos construindo, no século XXI. A contradição e o equívoco devem ser considerados, nas práticas pedagógicas, como próprios ao funcionamento da linguagem, o que garantirá os gestos de interpretação e de resistência, em sala de aula; conseqüentemente, abrirá espaços para autoria.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CAMARGO, Ana Rosa Leme; ABREU, Ana Silvia Couto de. Fanfics: identidade e questões de autoria na convergência midiática digital. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA 2013. Anais do SILEL* Uberlândia, v. 3, n. 1, 2013.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução: Marcia Gatto e Clarice Gatto. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/L3FoucaultAutor.pdf>. "Qu'est-ce qu'un auteur?". in *Bullelin de la Société Française de Philosophie*, 63e année, n.o 3. juillet-septembre 1969, pp. 73-95 (suivi d'une discussion: pp. 96-104).
- GINZBURG, Carlos. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: GINZBURG, Carlos. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179. Tradução de: Federico Carotti.
- GRIGOLETTO, E.; AGUSTINI, C. A autoria na escrita de adolescentes: interfaces entre o virtual e o escolar. *In: INDURSKY, F; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (org.) O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 369-380.
- JAMISON, Anne. **Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. *In: ORLANDI, E.P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.) Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-103.
- ORLANDI, **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano (org.). **Professor e autoria: interpretações sobre o Ler e Escrever**. São Carlos: SP: Pedro & João Editores, 2013.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Argumentação e autoria nas redações de universitários: discurso e silêncio**. Curitiba: Appris, 2012.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Da cartilha ao e-mail e à peça publicitária: os portadores de texto marcando a inclusão/exclusão do sujeito na escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, p. 313-325, 2007.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SORDI, Maria Regina Lemes de; LUDKE, Menga. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 313-336, jul. 2009.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

Como referenciar este artigo:

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; CARVALHO, Beatriz Borges de. Autoria e resistência em fanfics: avaliações e notas escolares em discurso. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 180-196, janeiro, 2021.